

## EM BUSCA DE PROUST

Beatriz Alcântara

*Poeta, contista e ensaísta, professora da UECE, mestra em Literatura pela UNB, escritora premiada em todo o Brasil, possui 11 livros publicados entre 1973 e 2005. Pertence às Academias: Cearense de Letras, Fortalezaense de Letras, Letras e Artes do Nordeste Brasileiro e Carioca de Letras.*

Por longos anos, venho me debruçando sobre a obra de MARCEL PROUST (1871-1922), um dos mais instigantes escritores franceses oriundo do século XIX, cuja produção literária só, no século XX, viria a obter o reconhecimento público.

A enorme extensão das frases proustianas, um único parágrafo pode estender-se por quarenta e quatro linhas, sempre afastou o leitor, de tal modo que seu próprio irmão, Robert Proust, confessou: “O triste é que as pessoas precisam estar muito doentes ou então terem quebrado uma perna para terem a oportunidade de ler *Em busca do tempo perdido*.”

Quando, em 1913, os manuscritos do primeiro romance da sua obra foram recusados para publicação na conceituada editora Ollendorf, o gerente Alfred Humblot respondeu ao encaminhamento feito por um amigo comum: “Não consigo entender por que um sujeito precisa gastar trinta páginas para descrever como ele tosse e se revira na cama antes de dormir.”

Diante essa apreciação intempestiva, aproximamo-nos do que talvez seja a chave do entendimento e o encanto a que se é levado pelo teor dos romances quando, por fim, consegue-se penetrar o universo proustiano.

O romancista teria afirmado, após a leitura de um fato dramático, apresentado resumidamente no *Le Figaro*, seu jornal diário e para o qual escrevia “Pastiches et Mélanges”, espécie de crítica literária: “Quanto mais se condensa uma história, maior é a impressão de que ela não merece mesmo um espaço maior do que aquele que lhe foi dado”.

Ainda decorrente de nova leitura matinal desse periódico, outra

apreciação parece relevante para o entendimento da extensão e do detalhamento de todo seu projeto literário: “A grandeza das obras de arte não tem nada a ver com a qualidade aparente de seus temas, e tudo a ver com o tratamento subsequente que for dado a esses temas.”

O primeiro romance, **Os prazeres e os dias**, em 1896, quando Marcel Proust tinha vinte e cinco anos, foi um desastre de público e crítica, mas os inúmeros estudos realizados posteriormente, quando o reconhecimento do seu mérito literário era consumado ( mais de 10.000 livros sobre o autor e sua obra foram publicados até 1987), revelaram que sob aquela edição atordoada, já se esboçava o tema central que viria a unir os romances de **Em busca do tempo perdido** ou **A la recherche du temps perdu**.

O sucesso era imprevisível, de tão distante e por tantos modos parecia se distanciar do jovem escritor. À aparência física retraída, doentia e esnobe de Proust acrescentava-se o descrédito literário decorrente do primeiro livro. Uma fama por tal modo devastadora associou-se ao romancista que o fato veio a merecer, alguns anos decorridos, uma irônica apreciação do escritor André Maurois, logo adentrando as primeiras páginas de seu livro **De Proust a Camus**: “Acredito que ficariam bem espantados, os escritores que viviam em 1900, se lhes dissessem que um dos maiores dentre eles, aquele que iria renovar a arte do romance e fazer entrar para o terreno da literatura as idéias dos filósofos e o vocabulário dos sábios desse período, seria um jovem sempre doente, ignorado pelo público, pela maior parte dos literatos e considerado pelos que o conheceram, como homem mundano, talvez inteligente, mas incapaz de uma grande obra. Erro que foi duradouro, resistindo mesmo à publicação de **Busca do tempo perdido**.”

O romance **Jean Santeuil**, com publicação póstuma em 1952 e para o qual o escritor se voltou com determinação após o primeiro insucesso, desenvolvia e detalhava o projeto literário que havia sido esboçado no livro anterior, de tal forma que em 1909, a grande obra final estava estruturada para cinco volumes, que passaram depois para oito, posteriormente para dez e por fim, deveria estar compreendida em dezesseis volumes.

Novo insucesso. Apresentados os primeiros exemplares manuscritos à *Nouvelle Revue Française*, eles foram recusados. Proust resolveu

publicar, às suas custas, o volume **No caminho de Swann, Du côté de chez Swann**, em novembro de 1913, pela Bernard Grasset.

A Primeira Guerra Mundial instalada em 1914 contribuiu para que o novo romance quase não chegasse ao conhecimento do público.

O insucesso e a incompreensão não abalaram a determinação literária do romancista, ainda e mesmo quando a saúde do escritor, que desde 1903 vinha enfraquecendo continuamente, nessa década, ressentiu-se num agravamento considerável de tal maneira que a asma e o coração enfraquecido passaram a retê-lo na cama por longos períodos de isolamento.

A lenda criada pelos comentários daqueles que o circundavam ou ocasionalmente o visitavam, conta que a partir dessa ocasião, num quarto revestido de cortiça para evitar qualquer barulho ou mesmo ruído, o romancista preencheu, por completo, os vinte cadernos do seu projeto, o grande livro do tempo: **A la recherche du temps perdu**.

Entre 1910 e 1922, Proust viria a escrever por inteiro, **Em busca do tempo perdido**, a obra final composta por oito tomos: **No caminho de Swann** (1913); **As moças em flor, A l'ombre des jeunes filles en fleurs** (1918); **O caminho de Guermantes I, Le côté de Guermantes** (1920); **O caminho de Guermantes II – Sodoma e Gomorra I, Sodome et Gomorrhe** (1921); **Sodoma e Gomorra II** (1922); **A prisioneira, La prisonnière** (1923); **A fugitiva, La fugitive** (1925) e **O tempo redescoberto, Le temps retrouvé** (1927).

**Em busca do tempo perdido** é uma obra fortemente influenciada pela “Filosofia de Duração” do francês Henri Bergson (Prêmio Nobel de 1927), segundo a qual a duração do tempo e a memória seriam os fatores mais fortes e determinantes para o real conhecimento de uma vida inteira.

O tema da empresa literária proustiana é, sem dúvida, o tempo. Um tempo perdido para sempre e ao qual nada poderia subsistir não fosse a grande revelação trazida pelo inesperado inconsciente, pela lembrança de um passado arquivado nos porões da memória, que por meio de um súbito e intempestivo surgimento, desencadearia o processo da memória involuntária.

Observem-se os dois modos pelos quais, normalmente, se constrói, no presente, o passado.

Intelectualmente, chega-se à construção do passado pela busca das circunstâncias que o tornaram possível.

O outro modo de reconstrução faz-se à sombra de documentos, pesquisando, entrevistando pessoas ligadas ao fato, realizando leituras de livros, cartas, jornais, diários, ou quaisquer outras fontes de pesquisa.

Fácil é de se convir que estes dois aspectos de reconstituição do passado, por serem de natureza intelectualizada, investigativa, são impróprios à liberdade de expressão da arte, que se nutre do livre pensar.

Marcel Proust, com sua genialidade, trouxe para o romance a evocação literária do passado através da memória involuntária.

O grande livro proustiano resulta do binômio – observação e introspecção. A observação de uma época socialmente frívola que decorria simultaneamente à experiência pessoal do Autor e a introspecção conduzida pela decantação de um passado evocado.

A obra inteira de Proust, excluindo talvez apenas o romance *Um Amor de Swann*, reforça a idéia dupla, de testemunha da época e decantação do passado pelo presente, e o fato de ter sido escrito inteiramente na primeira pessoa, EU, atesta a essência dessa realidade.

Em todo o projeto literário de *Em busca do tempo perdido* evidencia-se, simultaneamente, a história de uma época e a história de uma consciência. A genialidade do escritor francês consistiu na inovação que ele trouxe para o romance, o modo como filigranou em palavras as emoções que viriam a construir a evocação literária do passado, a memória involuntária.

Como construir a evocação literária do passado, ou seja, a memória involuntária, se a arte é tão arredia a procedimentos retroativos racionais?

O próprio romancista do fenômeno sentencia linhas antes de se deparar com o fenômeno revelador: “O nosso passado, trabalho perdido procurar evocá-lo, todos os esforços da nossa inteligência permanecem inúteis. Está ele oculto, fora do seu domínio e do seu alcance”.

A memória involuntária é, antes de tudo, a reelaboração de um acervo mental que existiu anteriormente. Um material humano feito de impressões cambiantes e lembranças pessoais que se achavam em estado volátil no inconsciente, contudo, pré-vestido por um desejo embrionário de se revelar.

A memória involuntária emerge de uma espécie de desnudamento secreto do passado e que, de repente, surge diante o presente, provocando por meio da surpresa sequer imaginada, o inesperado fenômeno. Um acontecimento resultante do transbordamento do presente ao qual associou-se certa organização fantasmagórica do passado.

Fugindo a sentenças abstratas sobre o fenômeno revelador do passado, recorre-se a extratos da tradução do texto original do episódio mais significativo da obra proustiana: “O universo numa chávena de chá”, extraído do livro *No caminho de Swann*, ou mais precisamente, *Du côté de chez Swann*.

“ Um dia de inverno, ao voltar para casa, vendo minha mãe que eu tinha frio, ofereceu-me chá, coisa que era contra os meus hábitos. A princípio recusei, mas, não sei por que, terminei aceitando. Ela mandou buscar um desses bolinhos pequenos e cheios chamados madalenas e...maquinalmente, acabrunhado com aquele triste dia e a perspectiva de mais um dia tão sombrio...levei aos lábios uma colherada de chá onde deixara amolecer um pedaço de madalena. Mas no mesmo instante em que aquele gole, de envolta com as migalhas do bolo, tocou o meu paladar, estremeci, atento ao que se passava de extraordinário em mim. Invadiu-me um prazer delicioso, isolado, sem noção da sua causa. Esse prazer logo me tornara indiferentes as vicissitudes da vida,...tal como o faz o amor, enchendo-me de uma preciosa essência: ou antes, essa essência não estava em mim; era eu mesmo...De onde me teria vindo aquela poderosa alegria? Senti que estava ligada ao gosto do chá e do bolo, mas que o ultrapassava infinitamente e não devia ser da mesma natureza. De onde vinha? Que significava? Onde apreendê-la? Bebo um segundo gole em que não encontro nada de mais que no primeiro, um terceiro que me traz um pouco menos que o segundo. É tempo de parar, parece que está diminuindo a virtude da bebida. É claro que a verdade que procuro não está nela, mas em mim...Deponho a taça e volto-me para o meu espírito. É a ele que compete achar a verdade. Mas como?...Retrocedo pelo pensamento ao instante em que tomei a primeira colherada de chá. Encontro o mesmo estado, sem nenhuma luz nova...e para que nada quebre o impulso que vai captá-la, afasto todo obstáculo, toda idéia estranha, abrigo meus ouvidos e minha atenção...mas sentindo que meu espírito se fatiga sem resultado,

forço-o, pelo contrário a pensar em outra coisa...Depois, por segunda vez, faço o vácuo...torno a apresentar-lhe o sabor ainda recente daquele primeiro gole e sinto estremecer em mim qualquer coisa que teriam desancorado, a uma grande profundidade; não sei o que seja, mas aquilo sobe lentamente; sinto a resistência e ouço o rumor das distâncias atravessadas...debate-se demasiado longe, demasiado confusamente...Chegará até a superfície de minha clara consciência essa recordação, esse instante antigo?...Não sei. Agora não sinto mais nada, parou,...voltará a subir do fundo da sua noite? Dez vezes tenho de recomeçar, inclinar-me em sua busca...E de súbito a lembrança me apareceu. Aquele gosto era o do pedaço de madalena que nos domingos de manhã em Combray...minha tia Leônia me oferecia, depois de o ter mergulhado no seu chá de tília, quando ia cumprimentá-la em seu quarto...daquelas lembranças abandonadas por tanto tempo fora da memória, nada sobrevivia, tudo se desagregara...mas quando mais nada subsiste de um passado remoto...o odor e o sabor permanecem ainda por muito tempo...no edifício imenso da recordação.

E mal reconheci o gosto do pedaço de madalena molhado em chá que minha tia me dava...eis que a velha casa cinzenta...onde estava o seu quarto, veio aplicar-se, como um cenário de teatro...e com a casa, a cidade toda...as ruas por onde eu passava e as estradas que seguíamos quando fazia bom tempo...assim agora todas as flores do nosso jardim e as do parque...e a boa gente da aldeia e suas pequenas moradias e a igreja e toda Combray e seus arredores, tudo isso que toma forma e solidez, saiu, cidade e jardins, da minha taça de chá.”

Um outro tema paralelo e que convém deixar o registro porquanto ele permeia toda a composição, prende-se à narração de uma vocação literária. O fato não escapou à observação do Autor que ao pressentir o mesmo, mencionou-o, rebatendo o enfoque na publicação *Contre Sainte-Beuve* (1954): “quanto mais uma sensibilidade criativa é rica e complexa, menos ela é passível de ser reduzida a dados visíveis de uma biografia: o livro é um produto de um outro eu que aquele que nós manifestamos nos nossos hábitos, em sociedade e sob nossos vícios.”

O protagonista-narrador, Marcel, personagem onisciente, é igualmente vítima e prisioneiro, um ser limitado à condição circunstancial do tempo. O herói não possui um só meio de libertar-se do fato de

que, no momento presente, está-se construindo uma memória condenada ao futuro e sobre a qual ele não tem o menor domínio do universo pessoal do seu inconsciente.

Numa passagem do capítulo "As intermitências do coração", do volume **Sodoma e Gomorra**, o processo mais uma vez toma forma: "Num momento em que eu não tinha mais nada de mim...eu tornava a encontrar uma recordação involuntária e completa...essa realidade não existe para nós enquanto não foi recriada por nosso pensamento...Pois as perturbações da memória estão ligadas às intermitências do coração. É sem dúvida a existência de nosso corpo, semelhante para nós a um vaso em que estaria encerrada a nossa espiritualidade, que nos induz a supor que todos os nossos bens interiores, as alegrias passadas, todas as nossas dores, estão perpetuamente em nossa possessão."

No universo apressado e imediato de nossos leitores contemporâneos, vive-se neste terceiro milênio, sob a égide da estética do olhar, a grande extensão da obra (2.477 páginas), o detalhamento dos episódios, a aparente futilidade dos personagens, os recuos consecutivos a reportarem-se a ações já descritas anteriormente em minúcia, apresenta-se o projeto literário de **Em busca do tempo perdido**, como muitos estudiosos podem asseverar, apenas um referencial a ser mencionado, mas ao qual, o tempo, eterno monstro bicéfalo a reger o universo, não permite que seja conhecido na íntegra.

Certa ocasião, em um congresso de professores de francês, um cartaz com a foto de uma criança vinha de ser colocado num estande perguntando para um concurso: "Quem é?" De imediato, afirmei ser Marcel Proust, enquanto os colegas e o vendedor inquiriam por que tanta certeza?

Só havia para responder o olhar do menino franzino, sensível, envolto em um mistério marcado pela verdade de um tempo frágil e terno, logo esquecido e que viria um dia a surgir do nada, reconstruindo afetos, vivências ocasionais, paisagens do cenário pessoal, sabores experimentados, ilusões e desejos em espera, alegrias tocadas de ouro e prata, amores de traça incerta, odores dispersos pelos sentidos, emoções todas, tão caras no passado e que só pela arte da sua ficção viriam a ser resgatadas do esquecimento, desejo alheio à determinação do

presente, fuga voluntariosa do desconhecido escapando à implacável destruição do universo individual do ser.

Valentin Louis Georges Eugène Marcel Proust foi inicialmente um cronista social, colaborador de *Le Figaro*, depois um romancista desacreditado até se tornar detentor do Prêmio Goncourt, tornou-se o autor do maior romance de introspecção que paralelamente desvendando sua existência pessoal, traçou a evolução da alta burguesa parisiense durante o meio século compreendido entre 1870 e 1920.

Em busca de Proust é caminho que ilumina a bruma da eternidade, apreende no momento presente o instante fugidio construído no passado, enquanto edifica no arredio oceano da descrença, uma realidade inconsútil tecida à feição de uma estética literária impar, o imaginário proustiano, depositário revelador da eterna verdade universal.

#### BIBLIOGRAFIA

ADAM, Antoine et alli. **Literatura Francesa – vol. II**, Rio de Janeiro, Larousse do Brasil, 1972, pp.413-826

BOTTON, Alain de. **Como Proust pode mudar sua vida**, trad. Luciano Trigo, Rio de Janeiro, Rocco, 1999, pp.193

MAUROIS, André. **De Proust a Camus**, trad. Fernando Py, Rio de Janeiro, Editora Nova Fronteira S.<sup>a</sup>, 1966, pp.383

POULET, Georges. **O Espaço Proustiano**, trad. Ana Luiza B. Martins Costa, Rio de Janeiro, Imago Editora, 1992, pp.143

PROUST, Marcel. **Em busca do tempo perdido – No caminho de Swann – vol. I**, trad. Mário Quintana, 8<sup>a</sup> ed., Porto Alegre/Rio de Janeiro, Editora Globo, 1983, pp.352

\_\_\_\_\_. **Em busca do tempo perdido – Sodoma e Gomorra – vol. 4**, trad. Mario Quintana, 7<sup>a</sup> ed., Porto Alegre/Rio de Janeiro, Editora Globo, 1983, pp.417

\_\_\_\_\_. **Sobre a leitura**. Trad. José Augusto Mourão, Almada-Portugal, Vega/Passagens, 1991, pp.73